

ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL**SADAO OMOTE**

Nas relações interpessoais iniciais, um dos aspectos imediatamente percebidos, que provê alguma informação – correta ou incorreta – sobre o interlocutor, é a sua aparência física. Essa aparência física inclui tanto as características corporais quanto a vestimenta e os acessórios utilizados. Dentre as características corporais, seguramente as mais importantes se referem à face da pessoa.

Há séculos, a Fisiognomia vem estudando a relação entre a feição facial e traços de personalidade das pessoas. Embora não haja suporte científico para tal relação, há ainda muita crença cotidiana que descreve uma pessoa a partir da sua feição facial. Esta pseudo relação se refere aos traços físicos da face e personalidade, e não a expressões faciais. Por meio de expressões faciais, as pessoas externalizam suas emoções. Nesse sentido, as expressões faciais, características dinâmicas da face, são importantes para a comunicação e relações interpessoais. Já os traços físicos da face, como o seu formato, não representam nenhuma característica de personalidade ou comportamento da pessoa.

Apesar de a Fisiognomia não ter sustentação empírica nas relações interpessoais do cotidiano, o perfil físico da face desempenha papel significativo, na extensão em que as pessoas atribuem uns aos outros algumas características psicológicas em função de certas características faciais. Dentre essas características faciais, a sua beleza tem um papel particularmente relevante.

Assim, uma área pouco conhecida no nosso meio estuda os efeitos da atratividade física facial (AFF) sobre o julgamento que outros fazem a respeito da pessoa. Há uma vasta literatura internacional acerca dos efeitos da aparência, sobretudo da AFF, sobre o julgamento de outras qualidades da pessoa (Omote, 1990). Na medida em que ocorrerem percepções favoráveis ou desfavoráveis acerca do comportamento de uma criança, com base na sua AFF, criam-se expectativas positivas ou negativas em relação ao desempenho dela. As interações eivadas dessas expectativas podem acabar por gerar desempenhos satisfatórios ou não, em função do mecanismo conhecido por profecia autorealizadora (*self fulfilling prophecy*).

A AFF pode ser avaliada por meio de julgamentos realizados por juízes, utilizando fotografias de faces sem expressão facial definida. Tal avaliação demonstrou ser bastante estável, com alta fidedignidade intragrupal e intergrupar (Omote, 1991a). Num experimento preliminar, foi evidenciada a relação inversa entre o grau de AFF e a atribuição de traços negativos. As fotografias de crianças com AFF mais baixa receberam mais adjetivos negativos que as de AFF média. Esta, por sua vez, recebeu mais adjetivos negativos que as de alta AFF (Omote, 1991b).

Mesmo quando o julgamento envolvia tarefa complexa, como a identificação de deficiências, a AFF exerceu efeito significativo sobre a percepção. Apresentadas três fotografias de meninos ou meninas, variando no grau de AFF, com a tarefa de identificar a criança a que correspondia um parágrafo que a descrevia, a escolha recaía significativamente mais sobre a

criança de menor AFF, quando o parágrafo caracterizava a criança como deficiente mental, deficiente auditiva ou deficiente física. Quando o parágrafo caracterizava a criança como normal, a escolha recaía significativamente mais sobre a fotografia com o grau mais alto de AFF (Omote, 1993).

Não só parecia aos participantes da pesquisa tarefa relativamente fácil identificar a fotografia a que correspondia a criança descrita no parágrafo, como deficiente ou normal, como também parecia tarefa fácil um julgamento aparentemente mais complexo. Apresentadas as mesmas fotografias, variando em AFF, a outros participantes, informando que as crianças sofriam de pequena perda auditiva e estavam sendo atendidas em terapia fonoaudiológica. Perguntado aos participantes da pesquisa qual das crianças teria melhor progresso na terapia, a escolha recaiu significativamente mais sobre a criança com a mais alta AFF (Omote, 1997).

Evidências experimentais dessa natureza não deixam dúvida quanto à possibilidade de a percepção de uma determinada qualidade de uma pessoa ser afetada por outras qualidades de que ela é portadora. Até mesmo a atratividade facial, que seguramente não guarda nenhuma relação direta com outras características da pessoa, afeta a percepção de outras qualidades da pessoa.

A percepção distorcida ou equivocada é natural no processo perceptivo. Entretanto, ela passa a ser objeto de preocupação, na medida em que essa percepção leva as pessoas a atribuírem à pessoa percebida outras qualidades, que presumidamente estão em conformidade com aquela percepção inicial. É particularmente preocupante, quando se trata de atribuição de qualidades negativas. A partir de alguma qualidade percebida ou atribuída, outros traços congruentes podem ser atribuídos. Mais ainda, as pessoas do entorno social podem passar a interagir com essa pessoa com base na percepção que têm a respeito dela, incluindo traços que lhe são apenas atribuídos.

Esse círculo vicioso, representado pela percepção inicial distorcida e a atribuição de novos traços coerentes com tal percepção, pode resultar na interação que os outros mantêm com a pessoa percebida em conformidade com a percepção distorcida. O círculo vicioso pode completar com a concretização da percepção inicialmente ilusória. Quando a pessoa alvo da percepção distorcida possui status social inferior aos seus percebedores, o efeito pode ser maior. Não raras vezes, quando se trata de alguém com alguma deficiência, algumas pessoas esperam e até exigem que se comporte de conformidade com aquela percepção inicial enviesada. Em parte, isso ocorre, porque essas pessoas estabelecem certas relações injustificáveis entre a sua percepção e determinadas competências na pessoa percebida.

Assim, a aparência física, particularmente a atratividade física facial, que não guarda nenhuma relação com a competência da pessoa, salvo nas condições em que alguma patologia incapacitante afeta também a aparência física, reduzindo a sua atratividade, constitui-se como uma condição importante a ser considerada.

As histórias infantis trazem uma caricatura muito ilustrativa dessa dinâmica social em torno da aparência física, sobretudo a AFF. As bruxas malvadas são feias e as princesas afáveis são bonitas, os anjos bons são bonitos e os anjos maus são feios...

Referências

[Omote, Sadao \(1990\)](#). Aparência e competência em Educação Especial. *Temas em Educação Especial*, São Carlos, v. 1, p. 11-26.

Omote, Sadao (1991a). Avaliação de atratividade física facial: delineamento de um procedimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 7, n. 3, p. 285-294.

Omote, Sadao (1991b). Efeitos da atratividade física facial de crianças sobre a percepção de outras qualidades delas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 7, n. 3, p. 295-302.

[Omote, Sadao](#) (1993). Atratividade física facial percepção de deficiências. *Didática*, v. 29, n.1, p. 115-124.

[Omote, Sadao](#) (1997). Atratividade física facial e prognóstico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 13, n.1, p. 113-117.